

Hamlet a Valium: leitura de um famoso solilóquio em versão portuguesa

Alexandra Assis Rosa
Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa

1. Introdução

Quantas vezes ouvimos já comentários a traduções de textos literários, considerando umas particularmente boas e outras más? Quantas vezes ouvimos o pólo positivo desta oposição ser considerado particularmente literário ou mesmo poético? Um dos pontos de partida deste trabalho constituiu precisamente a pergunta: o que é uma tradução literária, para nós, hoje em dia? Que modelo seguem os tradutores quando pretendem efectuar uma tradução literária? Quais são as características linguístico-textuais que decidem incluir no texto de chegada, à luz dos modelos valorizados pela cultura que os enquadra? Por que motivos são algumas traduções consideradas literárias e outras não?

Ao alinharmos estas questões constituímos uma linha de pesquisa que tem por enquadramento as propostas de Gideon Toury quando afirma: “After all, much as translation entails the retention of aspects of the *source text*, it also involves certain adjustments to the requirements of the *target system*.” (Toury, 1995: 166).

Este trabalho apresenta um objectivo duplo. Por um lado, pretende identificar pistas textuais para as normas que o sistema de chegada português terá imposto às traduções de *Hamlet* publicadas durante os últimos cinquenta anos do século XX. Consequentemente, ocupa-se da descrição de alguns aspectos da aceitabilidade literária das versões de *Hamlet* traduzidas para português e, em particular, do estudo da forma como estas versões terão sido filtradas por normas de tradução literária. Por outro lado, pretendemos averiguar a avaliação das versões portuguesas analisadas, e, em particular, do texto de chegada de Ricardo Alberty.

Tentaremos, portanto, identificar a noção de aceitabilidade de uma tradução literária para um público português contemporâneo, bem como averiguar a aceitabilidade literária das traduções de *Hamlet* publicadas na segunda metade do século XX. Nesta medida estabelecemos como objectivo discernir o modelo que a cultura de chegada terá imposto ao TP e analisar a forma como estes TC terão sido filtrados por normas tradutórias. Procederemos, ainda, a uma análise da recepção e aceitação destes TC publicados na segunda metade do século XX, e, em particular, da recepção do TC de Ricardo Alberty. Todos estes procedimentos têm sempre em conta

o papel desempenhado por factores da cultura de chegada na recepção de algumas destas traduções de *Hamlet* como particularmente literárias.

2. Projecto de Investigação

Tendo estabelecido como objectivo principal ultrapassar a descrição de textos particulares para identificar normas de tradução literária, esta comunicação descreve e testa a exequibilidade de algumas etapas de um projecto de investigação delineado para este efeito. Este projecto de investigação envolveu:

1. Trabalhar o enquadramento teórico de molde a encontrar uma definição de trabalho para **normas de tradução literária**, a que se opõem normas de tradução de textos literários; bem como uma definição de **aceitabilidade** (“acceptability”) e de **aceitação** (“acceptance”).

2. A elaboração de um **inquérito**, que envolveu a criação de um questionário para identificar normas contemporâneas de aceitabilidade literária e testar a recepção de traduções;

3. A **execução do inquérito e a interpretação de respostas** com o objectivo de: (1) identificar traços linguístico-textuais da tradução literária e (2) formular duas ou três definições hipotéticas de tradução literária.

4. O **desenvolvimento de uma metodologia** para a análise semi-automática de um *corpus* electrónico implicou a análise das respostas e das hipóteses a testar de forma a permitir a selecção de categorias de traços linguístico-textuais relevantes para a definição de tradução literária susceptíveis de serem submetidos a uma análise semi-automática, bem como a escolha de um programa informático já disponível.

5. A **criação do *corpus* electrónico** envolveu pesquisa bibliográfica para identificar diversos TC da tragédia de Shakespeare publicados na segunda metade do século XX; a selecção da dimensão das amostras a analisar; a digitalização dos textos ou a sua criação em suporte electrónico (dactilografia); e, por último, a segmentação das amostras em Unidades de Classificação, que neste caso optámos por fazer coincidir com frases ortográficas.

6. A **análise semi-automática do *corpus*** envolveu a anotação ou etiquetagem de cada Unidade de Classificação, de acordo com as categorias relevantes; e a obtenção de resultados quantitativos para cada categoria em cada amostra de TC.

7. A **análise dos resultados** contemplou:

(a) o confronto dos TC com a definição hipotética de aceitabilidade literária, ou seja, a identificação dos TC que correspondem aos traços sugeridos como constitutivos da tradução literária e os que não correspondem;

(b) a verificação destes TC mais aceitáveis de molde a identificar se correspondem ou não à escolha de um TC como o mais literário e de outro como o menos ou não literário, que também pedimos aos informantes;

(c) o teste da validade das hipóteses referidas no ponto 3.

Passamos a aprofundar muito brevemente algumas das sete etapas acima referidas.

3. Enquadramento Teórico

3.1 Normas de Tradução Literária vs. tradução de textos literários

Numa obra de 1995, *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Gideon Toury recupera a distinção entre tradução de textos literários e tradução literária, já avançada anteriormente no artigo de 1984 “Translation, Literary Translation and Pseudotranslation” (Toury, 1984).¹ De acordo com a definição touriana, uma tradução literária resulta da imposição de normas literárias ao TC, o que permite que este funcione como texto literário na cultura de chegada (Toury, 1995: 168). Sugere-se, portanto, que, se o TP é um texto literário na cultura de partida, é a homologia funcional que identifica uma tradução como exemplo de tradução literária. Se considerarmos o conceito de norma inicial, também proposto por Toury, essa tradução irá exibir um grau elevado de aceitabilidade literária.

Ponderamos, contudo, a necessidade de considerar um conjunto adicional de normas pois, tal como à Literatura se reconhece o estatuto de instituição cultural, semelhante estatuto deverá ser também conferido à tradução literária. Tal significa que, uma vez identificado um contexto histórico e sociocultural bem como um público leitor preciso, será possível identificar traços linguístico-textuais associados com modelos prescritivos tacitamente aceites quer de texto literário quer de tradução literária. Estes últimos, ou seja, as normas de tradução literária, poderão coincidir (total ou parcialmente) ou não com o que nesse mesmo contexto sociocultural e histórico se aceita como norma literária. Mesmo supondo que existe uma coincidência entre normas literárias e normas de tradução literária, deverão ser consideradas distintas: normas de aceitabilidade como obra literária vs. Normas de aceitabilidade como tradução literária.² A pertinência desta distinção decorre ainda da identificação de

¹ Estas definições foram novamente abordadas em Toury (1993) “«Translation of Literary Texts» vs. «Literary Translation»: A Distinction Reconsidered” in: Tirkkonen-Condit, S. and Laffling, J. (eds). *Recent Trends in Empirical Translation Research*. Joensuu: University of Joensuu, Faculty of Arts. 10-24.

² Sobre esta distinção, vide também Hermans (1991).

padrões linguístico-textuais particulares do texto traduzido, ou seja, de universais de tradução, descritos pela aplicação da metodologia da Linguística de *Corpora* aos Estudos de Tradução.

3.2 Aceitabilidade (“Acceptability”) vs. Aceitação (“Acceptance”)

Gideon Toury elabora também a distinção entre duas noções a que recorremos: aceitabilidade e aceitação (“acceptability” e “acceptance”). A aceitabilidade define-se como norma inicial, é especulativa, constituindo a formulação da probabilidade que um texto tem de ser aceite ou de ter uma recepção favorável. Aceitação, por outro lado, é definida como a recepção real, como um facto que pode ser averiguado para uma determinada comunidade leitora (*vide* Toury, 1995: 172).

Jogando com esta distinção, a primeira pergunta do questionário apresentado aos informantes visou a noção contemporânea de aceitabilidade, enquanto a segunda pergunta testou a aceitação.

4. Metodologia

4.1 Elaboração do questionário

Para identificar a forma como um público leitor português contemporâneo define tradução literária, procedemos à elaboração de um questionário. Na primeira pergunta do questionário, pediu-se aos informantes que indicassem três características linguístico-textuais que considerassem constitutivas da tradução literária. Perguntava-se, portanto, quais os padrões verbais que consideravam mais importantes para a identificação de uma tradução como literária, ou por outras palavras, pedia-se uma definição da aceitabilidade da tradução literária.

Na segunda parte do questionário, os informantes foram confrontados com cinco versões traduzidas para Português Europeu do mais famoso solilóquio de *Hamlet*, “To be or not to Be?”. Estas amostras foram fornecidas por ordem cronológica mas somente identificadas por uma maiúscula, para evitar a interferência de factores paratextuais e extratextuais. Pediu-se aos informantes que escolhessem a versão mais literária e a que consideraram menos ou mesmo não literária. Confrontados com cinco amostras de TC, pediu-se, portanto, que os informantes exprimissem o seu grau de aceitação destes TC.

A informação recolhida sobre a aceitabilidade e a aceitação da tradução literária foi subsequentemente analisada com o intuito de formular definições hipotéticas de tradução literária, a partir da identificação de alguns traços formais.

4.2 Descrição dos informantes

Para identificar o que uma comunidade leitora portuguesa contemporânea poderá definir e aceitar como tradução literária, procedemos a um inquérito muito restrito, que contemplou somente cinco informantes.

Os informantes seleccionados para o inquérito tinham mais de 35 anos, pertencendo dois ao sexo feminino e três ao sexo masculino. Todos detinham grau de mestre ou doutor, e todos se ocupavam de tradução, de investigação em Estudos de Tradução ou do ensino da tradução.

4.3 Sumário de respostas

	Resposta
1	<ul style="list-style-type: none"> • O TC tem de recriar a melopeia do TP (a arte de compor melodia); • O TC tem de evidenciar uma escolha lexical cuidada e de bom gosto TC especialmente literário: E ¹ TC menos/não literário: C
2	<ul style="list-style-type: none"> • Homologia funcional: não deve ser possível distinguir o TC de outros textos literários no sistema de chegada • O TC deve ser surpreendente, perdurar na memória e suscitar releituras TC especialmente literário: A TC menos/não literário: D
3	<ul style="list-style-type: none"> • O TC tem de ser fluente; • As realidades culturais do TP e a sua “Weltanschauung” devem ser transferidas para o TC; • O TC pode ser cronologicamente “colorido” TC especialmente literário: A/B TC menos/não literário: E
4	<ul style="list-style-type: none"> • Uma tradução literária inclui traços formais tradutórios evidentes, como criação voluntária de diferença; • O TC oferece visibilidade à recriação de alteridade pelo eu do tradutor, como entidade de interpretação localizada

¹ Evita-se propositadamente a identificação precisa dos TC analisados, pelo que cada um é identificado por uma letra maiúscula. Os TC serão identificados na bibliografia citada.

	Resposta
	TC especialmente literário: B/E TC menos/não literário: C
5	<ul style="list-style-type: none"> • Homologia funcional: O TC deve ser reconhecido na cultura de chegada como texto literário • O TC deverá transferir (tanto quanto possível) os traços lexicais, retóricos e estilísticos do TP • O TC não deve obliterar marcas de estranhamento, dentro dos limites da inteligibilidade na cultura de chegada TC especialmente literário: A TC menos/não literário: C

Figura 1: Respostas ao questionário

4.4 Interpretação das Respostas

Uma vez coligidas as respostas à primeira pergunta, as definições de tradução literária foram interpretadas de forma a:

- (1) identificar um denominador comum e
- (2) seleccionar um conjunto de traços linguístico-textuais susceptíveis de serem aplicados na análise semi-automática de um *corpus* electrónico.

As informações sobre a aceitabilidade da tradução literária foram, portanto, analisadas de molde a formular definições hipotéticas da noção contemporânea de aceitabilidade da tradução literária, baseadas na identificação de alguns traços linguístico-textuais.

Para este efeito, recuperámos uma antinomia proposta por Basil Hatim e Ian Mason, (1997), em *The Translator as Communicator*. Ocupando-se da pragmática e semiótica da tradução, estes autores definem uma oposição binária entre estabilidade e turbulência comunicativa, que configura uma distinção entre um uso estático e dinâmico de traços linguístico-textuais, que aqui referimos porque considerámos ser operativa na interpretação das respostas que obtivemos (Hatim e Mason, 1997: 27-28).

Estes autores estabelecem um contínuo entre um uso estático e dinâmico. Ao primeiro corresponde um uso esperado, estável, transparente e não marcado (em termos dos princípios constitutivos da textualidade: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, intertextualidade, informatividade, e situacionalidade.). O segundo define-se como uso de formulações verbais que é dinâmico, inesperado, instável, mais opaco e, portanto, marcado.

Para fins da interpretação das respostas, o uso estático foi equacionado com a recriação de um TC que é linguística e textualmente aceitável na cultura de chegada;

e considerámos ainda que um uso dinâmico corresponde à recriação de marcas surpreendentes, diferentes, inesperadas, de estranhamento e alteridade.

A esta luz, podemos interpretar algumas características que os informantes consideraram constitutivas da tradução literária. Passamos a sumariar a interpretação das cinco respostas à primeira pergunta.

O informante 1 sugere que uma prosódia esteticamente agradável poderá envolver uma escolha lexical condicionada pelo acento e pelo número de sílabas, facto que não será susceptível de análise automática; contudo, esta resposta poderá ser também interpretada como identificando o recurso a inversões sintácticas, ou, nos termos propostos, a uma estrutura sintáctica dinâmica, para fins prosódicos. Uma escolha lexical de bom gosto também não é susceptível de uma análise automática, porém, uma escolha lexical cuidada pode ser interpretada como uma selecção de itens lexicais menos ou pouco frequentes.

A surpresa é o elemento chave da resposta do informante 2, e pode ser interpretada como resultante de uma coesão lexical dinâmica, sobretudo de uma co-ocorrência dinâmica, e ainda em termos de uma escolha lexical dinâmica e estrutura sintáctica dinâmica (ordem de constituintes), susceptíveis de uma análise semi-automática.

O informante 3 parece afirmar o oposto: ao sublinhar a importância da fluência, da aceitabilidade linguística, parece sugerir uma formulação verbal estática como essencial para a definição de tradução literária. Contudo, a transferência de uma “Weltanschauung” particular e o recurso a uma coloração linguística cronológica poderá envolver o uso de escolhas lexicais marcadas pelo estranhamento e/ou anacronismo, que podem ser submetidas a uma análise semi-automática.

O informante 4 parece sublinhar estratégias estrangeirizantes como procedimentos que o tradutor não deve evitar. Uma escolha lexical, morfológica e sintáctica marcada pelo estranhamento é susceptível de uma análise semi-automática.

Traços estilísticos, lexicais e retóricos de estranhamento no TP devem ser transferidos para o TC. A resposta do informante 5 sublinha a homologia funcional e parece sugerir a identificação de traços sintácticos e lexicais dinâmicos e, particularmente, de uma escolha lexical estrangeirizante, como marcas de tradução literária.

Portanto, de acordo com a interpretação das respostas ao questionário, os traços sugeridos como constitutivos da tradução literária foram:

1. Uma estrutura sintáctica dinâmica, que enquadra ordem dinâmica de palavras, de funções sintácticas ou de orações;

2. Uma co-ocorrência⁴ dinâmica; e
3. Uma escolha lexical dinâmica, assinalada pela selecção de itens lexicais estrangeirizantes, cronologicamente coloridos ou raros.

4.5 Formulação de Hipóteses de Trabalho

A interpretação das respostas, bem como a correspondência encontrada entre estas e as características linguístico-textuais (susceptíveis de serem submetidas a uma análise semi-automática de um corpus electrónico) contribuíram para a formulação de hipóteses de trabalho:

Hipótese 1. Traduções literárias têm número superior de instâncias de sintaxe dinâmica do que traduções de textos literários (ordem dinâmica de orações, de funções sintácticas, de palavras, e ainda elipse de uma ou mais palavras)

Hipótese 2. Traduções literárias têm número superior de instâncias de co-ocorrência dinâmica do que traduções de textos literários.

Hipótese 3. Traduções literárias têm número superior de instâncias de escolha lexical dinâmica do que traduções de textos literários (recorrendo a escolha lexical de itens estrangeirizantes, arcaizantes ou raros).

4.6 Metodologia de Análise Semi-Automática de *corpora* electrónicos

As etapas seguintes deste projecto de investigação dizem respeito à metodologia de análise semi-automática de *corpora* electrónicos e envolveram: a selecção do programa informático; a criação, segmentação e anotação do *corpus* electrónico, e a produção de uma lista de resultados quantitativos para cada amostra de TC.

4.6.1 Programa informático e esquema classificatório

Seleccionámos o programa “Systemic Coder” (produzido por Mick O’Donnell para a Wagsoft, versão 4.6.3^a, em Setembro de 2002) que permite uma análise plenamente flexível ao exigir que seja o investigador a criar o seu próprio esquema classificatório.⁵

⁴ Trata-se do conceito de “Lexical Collocation”, sugerido em Halliday e Hasan (1976). *Cohesion in English* e trabalhado posteriormente em Halliday (1985) *An Introduction to Functional Grammar*, ou Hoey 1991 *Patterns of Lexis in Text*. Trata-se de uma categoria de coesão lexical (que engloba reiteração e co-ocorrência) que contribui para a coerência de um texto e consiste no uso de itens lexicais semanticamente relacionados, pertencentes a um mesmo campo semântico, ex. mar, barco, remar.

Para este fim, os traços linguístico-textuais devem ser organizados em categorias e sistemas. Portanto, as respostas foram analisadas de molde a criar sistemas de categorias, aplicáveis numa análise semi-automática de um *corpus* electrónico, que se replicam na tabela da figura 2.

Unidade de Entrada	Sistema	Categoria
Unidade de Classificação	Co-Ocorrência	Estática Dinâmica
Unidade de Classificação	Escolha Lexical Estrangeirizante/Domesticante	Estática (itens lexicais domesticantes; "common core", actuais ou frequentes) Dinâmica (escolha lexical estrangeirizante, datada ou rara)
Unidade de Classificação	Ordem de constituintes frásicos (orações)	Estática Dinâmica
Unidade de Classificação	Ordem de Funções Sintácticas	Estática Dinâmica
Unidade de Classificação	Ordem de Palavras	Estática Dinâmica (inversão da ordem de palavras ou elipse)

Figura 2: Organização das informações das respostas em sistemas de categorias

Estes sistemas de categorias serviram para criar o esquema classificatório que permitiu a anotação manual de cada unidade de classificação. O esquema classificatório expressamente criado para fins do projecto de investigação que descrevemos é reproduzido na figura 3.

⁵ Cabe agradecer ao autor do programa, Mick O'Donnell, a criação de um "patch" feito à medida com o objectivo de permitir o recurso à esquemas classificatórios que, como o presente, são mais complexos do que os inicialmente previstos para este programa.

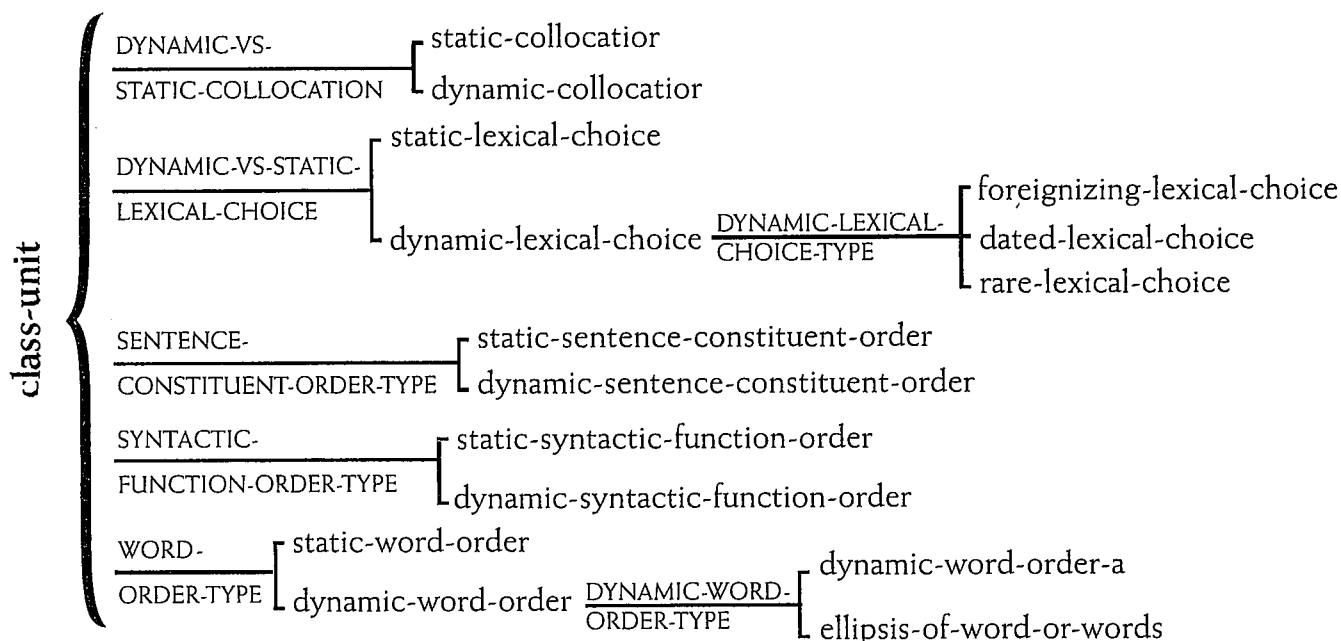


Figura 3: Esquema Classificatório⁶

A aplicação deste esquema classificatório às amostras envolveu a **análise lexical**, em termos de **co-ocorrência**: cada unidade foi classificada por exibir instâncias de co-ocorrência estática ou dinâmica; e em termos de **escolha lexical**: cada unidade foi classificada por evidenciar uma escolha lexical estática (domesticante, contemporânea, frequente) ou dinâmica (marcada pela selecção de itens lexicais estrangeirizantes, cronologicamente coloridos ou raros). A anotação do *corpus* envolveu ainda a **análise sintáctica**, em termos da **ordem de orações**: cada unidade de classificação foi anotada por evidenciar uma ordem de orações estática ou dinâmica; em termos da **ordem de funções sintácticas**: cada unidade foi classificada como tendo uma ordem estática ou dinâmica de funções sintácticas; e ainda em termos da **ordem de palavras**: estática ou dinâmica. Neste último caso, foram identificadas unidades de classificação que apresentavam ou inversão da ordem de palavras não marcada ou então elipse de uma palavra ou de mais que uma palavra.

4.6.2 Grau de interferência do investigador na análise semi-automática

Portanto, cada unidade de classificação foi submetida a este esquema classificatório e anotada ou etiquetada em conformidade. Este tipo de procedimento suscita a questão do grau de interferência do investigador numa análise semi-automática como a que

⁶ Uma vez que o programa informático não permite a inclusão de acentos, para evitar erros ortográficos optou-se por criar um esquema classificatório em inglês (a língua do programa).

aqui propomos. A análise pode ser concebida de molde a permanecer muito próxima de regularidades do *corpus* tal como são evidenciadas pelos pacotes de programas informáticos disponíveis – desenvolvidos especialmente para a análise lexical – caso em que é identificada como motivada pelo *corpus* (“*corpus* –driven”). A esta luz, considerámos a possibilidade de proceder a uma análise da densidade lexical, porém, este traço não resultou da interpretação das respostas dos nossos informantes. Outro tipo de análise se configura quando se parte de hipóteses teoricamente motivadas (ou resultantes de estudos descritivos prévios) que se testam num *corpus* particular, procedimento seguido no presente estudo, que, portanto, se apresenta como um estudo baseado num *corpus* (“*corpus* –based”).

Para além destas considerações, o tipo de traços identificados pelos informantes, tal como resultam da interpretação das suas respostas, requer um elevado grau de envolvimento do investigador uma vez que a metodologia torna necessária a anotação ou etiquetagem manual de cada unidade de classificação. Consequentemente, as contagens analisadas correspondem ao número de etiquetas introduzidas pela análise e interpretação (discutíveis) do investigador, e não, por exemplo, a contagens plenamente automatizadas de tipos ou ocorrências (“types” ou “tokens”).

4.6.3 *Corpus* electrónico

Como se pretendia testar a exequibilidade deste projecto, o *corpus* foi criado dactilografando uma selecção de cinco amostras de *Hamlet* traduzido para Português Europeu. A amostra seleccionada foi o famoso solilóquio da personagem Hamlet, na cena I do III Acto: “To Be or not to Be?”

4.6.4 Descrição do *corpus*

(a) Tipo de *corpus* : tradutório, de amostras

O *corpus* é tradutório, uma vez que só integra amostras de textos traduzidos, correspondendo ao mesmo excerto do TP.

(b) Número de TC: 5 TC

Dos sete TC publicados na segunda metade do século XX, analisámos os cinco disponíveis na Biblioteca Nacional.

(c) Extensão das amostras:

Quanto à extensão, cada amostra inclui entre duzentas e quarenta e sete e duzentas e noventa e cinco palavras. A totalidade do *corpus* apresenta mil trezentas e trinta e oito palavras. Cada amostra compreende ainda entre doze e dezasseis frases, o que totaliza setenta e duas frases no *corpus*.

Amostras	Número de Palavras	Número de Frases
TC A.	252	16
TC B.	278	16
TC C.	295	14
TC D.	266	14
TC E.	247	12
Total:	1338	72

Figura 4: Dimensão das amostras e do *corpus*

(d) Distribuição diacrónica da data da primeira publicação

Como decorre da leitura da tabela que se segue, as datas de publicação dos TC analisados concentram-se ainda nos anos sessenta, setenta e oitenta.

1950	1960	1970	1980	1990
	TC	TC	TC	
		TC	TC	

Figura 5: Distribuição diacrónica dos TC analisados

(e) Tradutores:

Quanto aos tradutores, o *corpus* inclui uma tradução produzida por uma tradutora, sendo as restantes produzidas por tradutores masculinos.

4.6.5 Segmentação: unidade de tradução e unidade de classificação (frase)

As unidades de classificação consideradas para o presente trabalho foram o verso, a oração e a frase. A primeira unidade considerada foi o verso no TP e a unidade correspondente no TC. Porém, uma vez que somente dois dos cinco TC analisados foram redigidos em verso, este tipo de segmentação envolvia uma análise comparativa de TP e TC. A dimensão de uma tal unidade de classificação era favorável ao tipo de classificação pretendida, potenciando ainda a comparabilidade com o TP. Porém, nem todas as categorias mencionadas pelos informantes poderiam ser analisadas se considerássemos uma tal unidade de classificação, motivo que nos levou a não considerá-la.

Ponderámos, também, a oração como unidade de classificação, como escolha teórica e praticamente motivada. Por um lado, a unidade de tradução óptima é identificada com a oração (Malmkjaer, 2000); por outro lado, a consideração de uma unidade sintáctica

mais abrangente, a frase, para fins da classificação programada poderia suscitar algumas dificuldades classificatórias. Contudo, a categoria de ordem de orações, do sistema de ordem sintáctica, teria de ser excluída da nossa análise caso considerássemos a unidade oração, motivo que justificou a sua exclusão.

Pelos motivos acima referidos, das três unidades de classificação inicialmente consideradas seleccionámos, portanto, a frase, como unidade gramatical máxima. Acresce ainda que a frase ortográfica é não só facilmente segmentável, recorrendo aos programas informáticos disponíveis, mas também se presta a todos os tipos de classificação que havíamos estabelecido a partir da interpretação das respostas ao questionário. Ainda assim, nalguns casos, previmos dificuldades resultantes da consideração de frases complexas potencialmente bastante longas, uma vez que cada oração e/ou sintagma poderia envolver classificações divergentes.

Ainda assim, decidimos em favor da frase como unidade de classificação, pois, apesar dos problemas referidos, constituía a única unidade passível de ser submetida a todas as classificações sugeridas pelas respostas ao questionário (incluindo ordem de orações).

4.7 Apresentação dos Resultados

4.7.1 Análise Sintáctica

Cada amostra foi, portanto, submetida a análise sintáctica e correspondente anotação. Os resultados quantitativos obtidos com a análise de escolhas sintácticas foram organizados numa tabela comparativa, incluída na figura 6.

		Hamlet-A	Hamlet-B	Hamlet-C	Hamlet-D	Hamlet-E
System	Category	Count Mean	Count Mean	Count Mean	Count Mean	Count Mean
SENTENCE- CONSTITUENT ORDER-TYPE	static- sentence- constituent- order	15 93.8%	15 93.8%	12 85.7%	10 71.4%	10 66.7%
	dynamic- sentence- constituent- order	1 6.3%	1 6.3%	2 14.3%	4 28.6%	5 33.3%
SYNTACTIC- FUNCTION- ORDER- TYPE	static- syntactic- function- order	8 50.0%	10 62.5%	9 64.3%	11 78.6%	5 33.3%
	dynamic- syntactic- function- order	8 50.0%	6 37.5%	5 35.7%	3 21.4%	7 46.7%
WORD-ORDER- TYPE	static- word-order	5 31.3%	8 50.0%	9 64.3%	9 4.3%	6 50.0%
	dynamic- word-order	13 81.3%	8 50.0%	5 35.7%	5 35.7%	6 50.0%
DYNAMIC- WORD- ORDER-TYPE	dynamic- word- order-a	4 25.0%	2 12.5%	2 14.3%	2 14.3%	3 25.0%
	ellipsis-of- word-or- words	9 56.3%	6 37.5%	3 21.4%	3 21.4%	5 35.0%

Figura 6: Tabela Comparativa dos Resultados da Análise Sintáctica

Os resultados demonstram que a **ordem de orações** é predominantemente estática em todo o *corpus*. A ordem estática totaliza entre 71,4% (Hamlet-D) e 93,3% (Hamlet A e B).

Pelo contrário, a **ordem de funções sintáticas** evidenciou alguma flutuação. Hamlet-B, C e D têm uma ordem de funções sintáticas predominantemente estática: abrangendo entre 62,5% e 78,6% das frases analisadas. Hamlet-A tem um número igual de frases com ordem estática e dinâmica de funções sintáticas, enquanto Hamlet-E apresenta uma ordem de funções sintáticas predominantemente dinâmica (7/12, 58,3%). Portanto, estas duas amostras foram consideradas dinâmicas em termos de ordem de funções sintáticas.

A **ordem de palavras** também apresentou flutuações, vindo a corroborar parcialmente a identificação de Hamlet-A e E como TC mais dinâmicos. Hamlet-A evidencia uma ordem de palavras dinâmica predominante, em 81,3% das frases; Hamlet-E apresenta uma ordem de palavras dinâmica em 50% das frases. Hamlet-B que apresentava uma ordem de orações e funções sintáticas predominantemente estática, exibe também uma ordem de palavras estática em 50% das frases. Em Hamlet-C e D a ordem de palavras é predominantemente estática. Quando procedemos à análise do tipo de ordem de palavras dinâmica, todas as amostras, excepto Hamlet-E, demonstraram uma percentagem mais elevada de elipses de palavras do que de inversão da ordem de palavras.

Portanto, esta análise sintáctica permitiu a identificação de um contínuo que se estende desde o TC mais dinâmico até ao TC mais estático em termos sintáticos: Hamlet-A com 50% de inversão de funções sintáticas, 81,3% de ordem de palavras dinâmica (dos quais 56,3% de elipse de palavra ou palavras), provou ser muito dinâmico sobretudo em termos da ordem de palavras;

Hamlet-E com 58,3% de inversão de funções sintáticas e 50% de ordem de palavras dinâmica (igualmente distribuídas por inversão de ordem de palavras e elipse), evidenciou-se como predominantemente dinâmico a um nível superior, e mais conspícuo, da estrutura sintáctica: a ordem de funções sintáticas;

Hamlet-B, apesar de demonstrar uma ordem de funções sintáticas predominantemente estática, evidenciou em 50% de unidades classificatórias uma ordem de palavras dinâmica (das quais 37,5% correspondem a elipse de palavra ou palavras);

Embora Hamlet-D tenha demonstrado ser predominantemente estático em termos sintáticos, as percentagens que exprimem este tipo de estabilidade são inferiores às de Hamlet-C;

Hamlet-C foi o TC que evidenciou a percentagem mais elevada de escolhas sintáticas classificadas como estáticas, tendo, por isso, sido classificado como o texto menos dinâmico a este respeito.

Quanto à **escolha lexical**, três amostras evidenciaram uma escolha lexical predominantemente estática: Hamlet-C (com 57,1%), Hamlet-B (com 62,5%) e Hamlet-E, com a escolha lexical mais estática, que afecta 75% das unidades de classificação. Somente duas amostras evidenciaram uma escolha lexical dinâmica: Hamlet-D predominantemente dinâmica (com 57,1%) e Hamlet A, com uma escolha lexical secundariamente dinâmica (50%).

É digno de nota o facto de ser Hamlet-B a única amostra coerentemente estática, em termos quer de co-ocorrência quer de escolha lexical; enquanto somente Hamlet-A e sobretudo Hamlet-D demonstraram ser coerentemente dinâmicos. As outras duas amostras, embora dinâmicas em termos de co-ocorrência apresentam uma escolha lexical estática. Quanto ao **tipo de turbulência** que a escolha lexical introduz nos TC, é a escolha de itens lexicais datados que parece ser preferida (em Hamlet B, C e D, predominantemente) seguida pela selecção de itens lexicais menos frequentes (Hamlet A, B e D).

Podemos, portanto, organizar novamente estes TC em termos da análise lexical, do mais dinâmico para o menos dinâmico:

Hamlet-D evidenciou-se como exemplo de co-ocorrência e escolha lexical predominante e coerentemente dinâmicas, favorecendo a selecção de itens lexicais datados (apresenta respectivamente 64,3%, 57,1%, 35,7%);

Hamlet-A evidenciou escolha lexical e co-ocorrência predominantemente dinâmicas, dependendo o dinamismo da escolha lexical equitativamente da escolha de itens lexicais quer datados quer raros (apresentando respectivamente 56,3%, 50,0% e 25,0%);

Hamlet-E patenteou a contagem mais elevada de instâncias de co-ocorrência dinâmica (66,7%) que surgiu, porém, a par da contagem mais elevada de instâncias de escolha lexical estática (75,0%), não favorecendo nenhum dos tipos dinâmicos de escolha lexical que a análise identificou (contando todos 8,3%);

Hamlet-C demonstrou uma preferência semelhante pela co-ocorrência dinâmica, em detrimento da escolha lexical dinâmica, embora de modo menos marcante (apresentando 57,1% e 57,1%, respectivamente) e favorecendo uma escolha lexical datada como procedimento gerador de dinamismo lexical;

Hamlet-B demonstrou ser coerentemente estático, em termos quer de co-ocorrência quer de escolha lexical (respectivamente 56,3% e 62,5%), sendo, contudo, digno de nota a selecção de quatro instâncias que revelaram uma escolha lexical datada (25,0%).

Consequentemente, as duas amostras mais dinâmicas que a análise lexical identificou foram Hamlet-A e Hamlet-D; no pólo oposto de menor dinamismo lexical destacaram-se Hamlet-C e Hamlet-B.

De acordo com os traços sintácticos sugeridos pela interpretação das respostas dos informantes, os primeiros três textos evidenciaram-se como particularmente dinâmicos e, portanto, como traduções mais literárias.

4.7.2 Análise Lexical

A tabela da figura 7 apresenta uma análise comparativa que organiza os resultados obtidos a partir da análise e da anotação de características lexicais dos TC.

System	Category	Hamlet-A	Hamlet-B	Hamlet-C	Hamlet-D	Hamlet-E
		Count Mean	Count Mean	Count Mean	Count Mean	Count Mean
DYNAMIC-VS-STATIC-COLLOCATION	static-collocation	7 43.8%	9 56.3%	6 42.9%	5 35.7%	4 53.3%
	dynamic-collocation	9 56.2%	7 43.8%	8 57.1%	9 64.3%	8 66.7%
DYNAMIC-VS-STATIC-LEXICAL-CHOICE	static-lexical-choice	8 50.0%	10 62.5%	8 57.1%	6 42.9%	9 75.0%
	dynamic-lexical-choice	8 50.0%	6 37.5%	6 42.9%	8 57.1%	7 25.0%
DYNAMIC-LEXICAL-CHOICE-TYPE	foreignizing-lexical-choice	0 0.0%	0 0.0%	1 7.1%	0 0.0%	1 8.3%
	dated-lexical-choice	4 25.0%	4 25.0%	4 28.6%	5 35.7%	1 8.3%
	rare-lexical-choice	4 25.0%	2 12.5%	1 7.1%	3 21.4%	1 8.3%

Figura 7: Tabela Comparativa dos Resultados da Análise Lexical

Os resultados da análise lexical apresentaram, novamente, flutuações. Entre as cinco amostras analisadas, somente uma, Hamlet-B, evidenciou uma co-ocorrência predominantemente estática (embora ligeiramente, com 9/16, isto é, 56% de unidades com co-ocorrência estática). Todas as restantes amostras apresentaram uma co-ocorrência predominantemente dinâmica, que abarca entre 56,3% e 66,7% das unidades de classificação analisadas. Portanto, com a exceção de Hamlet-B, as restantes quatro amostras foram consideradas dinâmicas em termos de co-ocorrência lexical.

Análise Global

A última tabela que apresentamos combina os dois tipos de análise já descritos em pormenor. Nesta tabela, os procedimentos mais dinâmicos em termos quer sintácticos quer lexicais têm uma pontuação de 5, os menos dinâmicos têm uma pontuação de 1. Deste modo, quanto mais elevado for o total, mais dinâmicas são as escolhas globais. Chamámos ao total o “ranking” de aceitabilidade.

A este “ranking”, a tabela acrescenta uma linha adicional que apresenta as escolhas pedidas aos informantes de um TC mais literário e de um TC menos literário. Quando analisamos comparativamente os dois “rankings”, devemos não esquecer que comparamos o que um conjunto de pessoas diz que prefere em abstracto com o que de facto prefere, quando confrontado com excertos textuais. Estamos, portanto, a comparar a sua definição de aceitabilidade com a sua aceitação de facto.

	Hamlet-A	Hamlet-B	Hamlet-C	Hamlet-D	Hamlet-E
Análise Semi-Automática	Cotação:	Cotação:	Cotação:	Cotação:	Cotação:
Dinamismo Sintáctico	4	3	1	2	5
Dinamismo Lexical	4	1	2	5	3
Dinamismo Global	8	4	3	7	8
Ranking de Aceitabilidade	1°	3°	4°	2°	1°
Escolha do TC mais literário (5 Informantes)	Inf-2 Inf-3* Inf-5	Inf-4 Inf-3			Inf-1 Inf-4*
Escolha do TC menos / não-literário (5 Informantes)			Inf-1 Inf-4 Inf-5	Inf-2	Inf-3
Diferença:	+3	+2	-3	-1	+1
Ranking de Aceitação:	1°	2°	5°	4°	3°
Escolha do TC mais literário (43 Informantes)	+20	+6	+2	+11	+4
Escolha do TC menos / não-literário (43 Informantes)	5	-4	-14	-5	-15
Diferença:	+15	+2	-12	+6	-11
Ranking de Aceitação:	1°	3°	5°	2°	4°

Figura 8: Análise Global de Dinamismo Linguístico-Textual e das Escolhas dos Informantes

(* significa *ex aequo*)

Esta tabela contempla ainda os resultados de 43 respostas ao pedido de selecção do TC mais e menos ou não-literário. Este grupo adicional de informantes integrou 43 alunos de segundo e terceiro ano da licenciatura de Línguas e Literaturas Modernas (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), que contavam entre 19 e 46 anos, mas sobretudo perto de 20 anos de idade, pertencendo predominantemente ao sexo feminino (38/5; 88,4% feminino vs. 11,6% masculino).

4.8 Apreciação dos Resultados

4.8.1 Aceitabilidade

Se considerarmos o ranking que resulta da análise semi-automática de traços considerados constitutivos da tradução literária, os dois TC que apresentam as pontuações mais elevadas de dinamismo sintáctico e lexical são Hamlet-A e Hamlet-E.

Hamlet-A apresenta ordem de orações estática, ordem de funções sintácticas secundariamente dinâmica, e ordem de palavras muito dinâmica, sobretudo devido a elipse, co-ocorrência predominantemente dinâmica e escolha lexical secundariamente dinâmica.

Hamlet-E apresenta ordem de orações estática, ordem de funções sintácticas predominantemente dinâmica e ordem de palavras secundariamente dinâmica (50% ordem de palavras, 50% de elipse), co-ocorrência predominantemente dinâmica e (surpreendentemente) uma percentagem elevada de escolha lexical estática.

Estas pontuações colocaram Hamlet-C e Hamlet-B no fim da tabela, como os menos ou mesmo não literários deste conjunto. **Hamlet-C** tem uma ordem de orações, funções sintácticas e de palavras predominantemente estática, à semelhança da ordem de palavras e da escolha lexical; foi este o TC considerado mais estático em termos sintácticos. Só a co-ocorrência é dinâmica. **Hamlet-B** tem ordem estática de orações e funções sintácticas e ordem de palavras secundariamente estática. A análise lexical identificou este TC como o mais estático.

4.8.2 Aceitação

As preferências do primeiro grupo de cinco informantes corresponderam em parte às expectativas geradas pelos resultados da análise semi-automática. Hamlet-A, um dos dois TC mais dinâmicos, foi o TC mais votado como o mais literário; Hamlet-C, o menos dinâmico, foi considerado pela maioria dos informantes a tradução menos literária ou mesmo não literária. Porém, e contrariamente às expectativas geradas pelo “ranking” de aceitabilidade, Hamlet-E, o outro TC mais dinâmico, é terceiro na lista de preferências, possivelmente devido a uma escolha lexical muito estática; Hamlet-B, o segundo TC menos dinâmico, é segundo nas preferências.

O segundo grupo de 43 informantes apresentou escolhas que vieram corroborar a selecção do primeiro grupo mais restrito que este projecto de investigação incluiu. A sua aceitação de Hamlet-A como a tradução mais literária e de Hamlet-C como a menos literária coincidiu com as escolhas do grupo mais pequeno de informantes, em cujas respostas baseámos a análise da aceitabilidade e coincidiu ainda com as pontuações mais e menos elevadas de dinamismo ou turbulência comunicativa.

Mais interessante foi, contudo, a selecção por um número considerável de informantes de Hamlet-E – uma das duas amostras mais dinâmicas – como tradução menos ou não literária. Pelos comentários foi possível deduzir que esta versão foi considerada também dinâmica relativamente a versões traduzidas anteriores, cujos versos quase todos sabiam recitar de cor. Este TC demonstrou, portanto, contrariar excessivamente as expectativas criadas pelo conhecimento de alguns excertos deste texto traduzido. Por outro lado, os informantes referiram também que a escolha lexical muito estática foi um dos critérios que determinou a escolha deste TC como tradução menos literária. A análise destes resultados a par dos comentários permitiu concluir que, por um lado, as estratégias de estrangeirização que este TC evidencia parecem ter sido levadas ao extremo de contrariarem critérios contemporâneos de aceitação; por outro lado, a escolha lexical que patenteia terá sido considerada excessivamente estática para merecer uma pontuação favorável.

4.9 Teste das definições hipotéticas de tradução literária

Considerando os dois extremos do “ranking” de aceitabilidade e aceitação, pudemos testar as definições hipotéticas de tradução literária:

Hipótese 1. Traduções literárias têm número superior de instâncias de sintaxe dinâmica do que traduções de textos literários (ordem dinâmica de orações, de funções sintácticas, de palavras, e ainda elipse de uma ou mais palavras).

Esta hipótese é parcialmente verdadeira, pois a ordem de orações é estática, mesmo em traduções consideradas mais literárias. Esta parte da hipótese não foi, portanto, confirmada e merece uma formulação adicional:

Hipótese 1A. As traduções literárias evidenciam uma ordem de orações predominantemente estática;

Hipótese 1B. As traduções literárias evidenciam uma ordem de funções sintácticas secundariamente dinâmica.

Para além disso, a identificação do tipo de dinamismo da ordem de palavras evidenciou uma tendência que pode ser também formulada hipoteticamente:

Hipótese 1C. As traduções literárias evidenciam uma ordem de palavras predominantemente dinâmica marcada mais pela elipse de palavras do que pela inversão da ordem de palavras não marcada.

Hipótese 2. Traduções literárias têm número superior de instâncias de ocorrência dinâmica do que traduções de textos literários.

Esta hipótese é falsa, pois Hamlet-A, o TC votado mais literário, tem contagem mais baixa do que Hamlet-C, votado menos literário.

Hipótese 3. Traduções literárias têm número superior de instâncias de escolha lexical dinâmica do que traduções de textos literários (recorrendo a escolha lexical de itens estrangeirizantes, arcaizantes ou raros).

Esta hipótese é verdadeira. Hamlet-A, o TC considerado mais literário, apresenta uma escolha lexical mais dinâmica do que Hamlet-C, seleccionado como o TC menos literário.

5. Conclusão

Importa, neste momento, expor a forma como esta análise permite formular conclusões sobre a recepção de Shakespeare em Portugal. É altura de, com estes dados, tentar responder à pergunta inicial: que normas de tradução literária resultaram na identificação de algumas traduções de *Hamlet* como especialmente literárias na nossa cultura de chegada?

De acordo com as características linguístico-textuais sugeridas pelos informantes como constitutivas da tradução literária, podemos formular cautelosamente uma **Hipótese A**, segundo a qual: a aceitabilidade da tradução literária é correlata de dinamismo sintáctico e lexical – expresso sobretudo por uma alteração da ordem não marcada de palavras e de funções sintácticas e ainda por uma escolha lexical dinâmica..

Verificámos também que o TC votado pela maioria dos informantes como tradução mais literária foi de facto um dos mais dinâmicos: Hamlet-A; e que o TC escolhido pela maioria dos informantes como menos literário foi também o menos dinâmico: Hamlet-C. Portanto, podemos novamente formular cautelosamente uma **Hipótese B**, segundo a qual: a aceitação da tradução literária se correlaciona com dinamismo sintáctico e lexical.

A partir deste exemplo muito reduzido de inquérito e análise semi-automática, os dois TC que foram mais e menos aceites correspondem, respectivamente, aos que

evidenciam contagens mais e menos elevadas de traços que os informantes consideraram constitutivos da aceitabilidade da tradução literária. Pensamos ser lícito formular cautelosamente a **Hipótese C**: O TC mais dinâmico em termos sintáticos e lexicais foi considerado a tradução mais literária de *Hamlet* porque obedece a normas contemporâneas de tradução literária. Ou seja, esta correlação deve-se ao facto de o TC escolhido pela aceitação ter sido produzido de acordo com normas contemporâneas de tradução literária, que favorecem o dinamismo comunicativo. Ainda assim, a co-ocorrência dinâmica e a ordem de orações não aparentam ser tão valorizadas pela aceitação como as restantes características submetidas a análise.

Contudo, a realidade tradutória é mais complexa do que a análise dos casos extremos parece demonstrar. Por conseguinte, a consideração de todos os TC evidenciou a necessidade de reformular estas norma hipotéticas, ou, alternativamente, de proceder a uma correlação diversa de características formais, de reavaliar as categorias submetidas a análise ou então de considerar a intervenção de normas tradutórias predominantes e outras secundárias, capazes de justificar também o “ranking” de aceitação de Hamlet-B e Hamlet-E.

É que precisamente o TC de Ricardo Alberty – Hamlet-B, que nos ocupa particularmente pelo facto de ter sido incluído na colecção em análise – não permite corroborar a correlação estabelecida entre dinamismo comunicativo e aceitação como tradução literária (ao contrário de Hamlet-A e Hamlet-C).

Este TC encontra-se a meio da tabela em termos de **dinamismo sintático**, com uma sintaxe predominantemente estática: ordem de orações predominantemente estática (93,8%), ordem de funções sintáticas predominantemente estática (62,5%) e ordem de palavras secundariamente estática (50%), sendo o dinamismo preponderantemente devido a elipses de palavra ou palavras. É este ainda o TC menos dinâmico **em termos lexicais**, porque apresenta uma escolha preferencial de co-ocorrência e escolha lexicais predominantemente estática.

Portanto, contrariamente à expectativa gerada por esta análise de características linguístico-textuais, que o coloca em penúltimo lugar em termos de dinamismo comunicativo e de aceitabilidade, foi este o TC aceite como segundo ou terceiro mais literário.

A agressividade e turbulência comunicativa que caracterizam a personagem Hamlet são apaziguadas pela intervenção tradutória, que nesta versão confere à personagem uma sintaxe calmante e uma escolha lexical soporífera. Contudo, e contrariando as expectativas geradas pela análise do dinamismo comunicativo, esta é uma das versões portuguesas que aparentemente mais despertam a aceitação de um público português

contemporâneo. Portanto, para além da norma predominante que aparenta favorecer a turbulência comunicativa em tradução literária, parecem existir outras normas tradutórias secundárias que, numa intervenção simultânea, influenciam a aceitação considerável desta calmante versão traduzida de um dos mais famosos solilóquios de Hamlet.

Bibliografia citada

- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, Ruqaya (1976), *Cohesion in English*, London e New York: Longman.
- HALLIDAY, M.A.K. (1985), *An Introduction to Functional Grammar*, London e New York: Arnold (2ª edição, 1994).
- HOEY, Michael (1991), *Patterns of Lexis in Text*, Oxford: Oxford University Press.
- HATIM, Basil & MASON, Ian (1997), *The Translator as Communicator*, London, Routledge.
- HERMANS, Theo (1991), «Translational Norms and Correct Translations», in Kitty M. van Leuven-Zwart e Ton Naaijken (eds.), *Translation Studies: The State of the Art*, Amsterdam Atlanta, Rodopi, pp. 155-169.
- O'DONNELL, Mick (2002), *Wagsoft Systemic Coder*, Version 4.6.3a, September 3 2002.
- MALMKJAER, Kirsten (2000), «Unit of Translation», in Mona Baker (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London e New York: Routledge, pp. 286-288.
- TOURY, Gideon (1984), «Translation, Literary Translation and Pseudotranslation», *Comparative Criticism*, 1984, pp. 73-85.
- TOURY, Gideon (1993), ««Translation of Literary Texts» vs. «Literary Translation»: A Distinction Reconsidered», in S. Tirkkonen-Condit e J. Laffling (eds), *Recent Trends in Empirical Translation Research*, Joensuu, University of Joensuu, Faculty of Arts, pp.10-24.
- TOURY, Gideon (1995), *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Amsterdam, John Benjamins.

Traduções de *Hamlet* analisadas:⁷

SHAKESPEARE, William (1963), *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, tradução e prefácio de José Blanc de Portugal, Clássicos. Série Teatro, 5, Lisboa, Presença.

SHAKESPEARE, William (1972), *Hamlet*, tradução de Ricardo Alberty, Livros RTP-Biblioteca Básica Verbo, 87, Lisboa, Verbo.

SHAKESPEARE, William (1976), *Hamlet ; O Rei Lear ; Romeu e Julieta*, tradução revista por L. Pereira Gil, Grandes Clássicos da Literatura Mundial, Lisboa, Amigos do Livro, (197-?).

SHAKESPEARE, William (1982), *Hamlet*, tradução de Ersílio Cardoso, Livros de bolso Europa-América, 312, edição bilingue, Mem Martins, Europa América, (1998).

SHAKESPEARE, William (1987), *Hamlet: tragédia em 5 actos*, tradução de Sophia de Mello Breyner Andresen, edição bilingue, Porto: Lello & Irmão.

Abstract

This paper analyses Ricardo Alberty's translation of Shakespeare's *Hamlet*, included in the collection "Livros RTP-Biblioteca Básica Verbo" together with four other translations of the same ST, also published in the second half of the 20th century. Results of a survey aimed at ascertaining current contents for the concepts of acceptability and acceptance of literary translation for a contemporary Portuguese readership are used to perform a semi-automatic analysis of an electronic corpus of samples of these five TT with the double purpose of ascertaining hypothetical norms of literary translation and performing a comparative analysis of the acceptability and acceptance of the five TT in question. Despite the fact that syntactic and lexical turbulence are apparently valued as features of literary translation, both in the informant's definition of acceptability and in their choices of acceptance, Alberty's considerably static version ranks high among readership preferences, which seems to prove the existence of basic or primary and secondary norms or tendencies, as suggested by Gideon Toury (1995: 67).

⁷ Outra versão traduzida, nomeadamente 1989. *Hamlet*. Aveiro: Universidade, foi também identificada, porém, não foi incluída no *corpus* pelo facto de não estar disponível em Lisboa.